

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PÓS-GRADUAÇÃO LATU-SENSU EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA -
LASEB**

MARTA CRISTINA TRINDADE CÉZAR

VERSOS EM PRETO E BRANCO NO COLORIDO UNIVERSO AFRICANO
“Uma chamada para reflexão e reconstrução do pensamento”

Belo Horizonte
2012

MARTA CRISTINA TRINDADE CÉZAR

VERSOS EM PRETO E BRANCO NO COLORIDO UNIVERSO AFRICANO

“Uma chamada para reflexão e reconstrução do pensamento”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica (LASEB) da Faculdade de Educação da UFMG, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Étnico-racial.

ORIENTADOR: Prof. José Raimundo Lisbôa da Costa

Belo Horizonte
2012

MARTA CRISTINA TRINDADE CÉZAR

Dedico este trabalho a minha família e a todos que se disponibilizam a sair da sua zona de conforto para confrontar todo tipo de injustiça e discriminação.

Ao movimento Negro e aos estudantes do curso de Educação Étnico-racial pela coragem de se capacitarem para a luta que travamos em nossas escolas diariamente contra as mais diversas discriminações e preconceitos.

AGRADECIMENTOS

AOS QUE POSSIBILITARAM...

Meu maior e mais profundo agradecimento é para Deus, que sustentou minha certeza de que concluiria este trabalho.

Ao meu marido que, desde o início, foi o maior incentivador, mesmo sendo o mais prejudicado neste processo de construção do trabalho.

Agradeço aos meus familiares, que compreenderam as minhas ausências e me incentivaram a continuar.

Aos colegas de curso pela boa convivência e agradáveis trocas de experiências.

Aos meus professores, pelo compromisso com os alunos e a qualidade das aulas.

A professora Cláudia Maria e seus estudantes da EJA pelo envolvimento e apoio em todas as etapas de aplicação do plano de ação.

A minha prima/irmã Kátia Rodrigues, que quando está presente me auxilia e na distancia torce por mim.

Ao meu sobrinho Leonardo pelo apoio no momento crucial.

E ao professor José Raimundo, pela simpatia e amabilidade na orientação desse trabalho.

"Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar."

Nelson Mandela.

RESUMO

O reconhecimento da influência que a imagem exerce, na inegável desvalorização e depreciação do negro e de tudo que se refere ao continente africano, no Brasil, principalmente pela mídia e outros veículos de comunicação de massa, foi o detonador de questionamentos que levaram a este trabalho de pesquisa e ação. Inicialmente a proposta é fazer o caminho inverso, apresentando imagens positivas, que potencializam a África, os africanos e sua cultura, comparadas às imagens que nos são apresentadas diariamente, associados a leitura e produção de poemas. Aposta-se na sensibilidade como geradora de reflexões. Acreditando na capacidade de envolvimento e prazer que a poesia propicia, e que, o debate de idéias e pensamentos podem resultar em obras de forte expressão, capazes de desconstruir esteriótipos e promover o senso crítico, é que este trabalho acredita na leitura e construção coletiva de poemas à partir da observação de imagens de uma África nunca vista no cotidiano de nossas escolas.

Palavras-chave: Relações étnico-raciais; identidade étnico-racial; influência da imagem; Poesia.

ABSTRACT

The recognition of the influence that the image is undeniable, and the depreciation and devaluation black everything that refers to the African continent, in Brazil, mainly by the media and other vehicles of mass communication, was the detonator of questioning that led to this work of research and action. Initially the proposal is to make the reverse path, showing positive images, that empower Africa, Africans and their culture, compared the images that are presented daily, associated with the production and reading of poems. Betting on the sensitivity as a generator of reflections. Believing in the ability of involvement and enjoyment that poetry, and that the debate of ideas and thoughts can result in strong expression works, able to deconstruct stereotypes and promote the critical sense, is that this work believes in reading and collective construction of poems from the observation of images of an Africa never seen in our everyday life of our schools.

Keywords: racial-ethnic relations; ethnic-racial identity; influence of image; Poetry.

SUMÁRIO

1 – ESTRUTURA DA MONOGRAFIA

1.1 – ELEMENTOS PRÉ-TEXTUAIS

1.1.1	Capa.....	01
1.1.2	Folha de Rosto.....	02
1.1.3	Dedicatória.....	03
1.1.5	Agradecimentos.....	04
1.1.6	Epígrafe.....	05
1.1.7	Resumo/Abstract.....	06
1.1.8	Sumário.....	07

1.2 – ELEMENTOS TEXTUAIS

1.2.1	Apresentação.....	08
1.2.2	Introdução.....	08
1.2.3	Objetivos.....	08
1.3-	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	09
1.3.1	Aprendizagem transformativa: é possível reaprender.....	09
1.3.2	Porque imagem e poesia?.....	10
1.3.3	Representação da imagem do negro na arte.....	
1.3.3.1	O negro na representação de Debret.....	
1.3.3.2	O negro na representação de Cândido Portinari.....	
1.3.3.3	Debret x Portinari	

1.4- METODOLOGIA

1.5-	DESENVOLVIMENTO DA AÇÃO PEDAGÓGICA.....	12
1.5.1	Apresentação da escola: Infraestrutura do bairro.....	12
1.5.2	Famílias atendidas pela escola.....	13
1.5.3	Desenvolvimento do plano de ação.....	14
1.5.4	Cronograma de execução.....	15
1.5.5	Subsídios.....	16
1.5.6	Avaliação.....	17
1.6 –	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
1.7 –	ELEMENTOS PÓS-TEXTUAIS	
1.7.1	Referências Bibliográficas.....	19
1.7.2	Anexos e/ou Apêndices.....	20

1. APRESENTAÇÃO

Este trabalho foi desenvolvido com uma turma do segundo seguimento da EJA (Educação de Jovens e Adultos), do noturno da E. M. Professor Mário Werneck, da rede municipal de Belo Horizonte.

Alicerçada em minhas experiências anteriores com grupos de estudantes de diferentes idades, estes confirmaram que o uso da imagem é mais imediato e prazeroso para a reflexão. A imagem, aliada a construção coletiva da poesia, permite ao indivíduo se expressar e ao mesmo tempo se sentir parte da sua produção, agindo como facilitador para aceitabilidade do tema proposto, que aborda as questões étnico-raciais brasileiras. Baseia-se em apresentar o lado positivo do continente africano.

2. INTRODUÇÃO

A partir da Lei nº 10.639 de 2003, que tornou obrigatório o ensino da História da África e dos afro-brasileiros no Ensino Fundamental e Médio, foi aberto um espaço nas escolas que possibilita e amplia a reflexão e discussão sobre o papel e a posição do negro em nossa sociedade. Anteriormente a essa lei, apesar de já existir outras leis legitimando a igualdade, e da população negra constituir grande parte da sociedade brasileira, o que se verifica é a invisibilidade ou até mesmo a negação do racismo no Brasil.

A África é um continente grandioso, colorido, e diversificado. Apresenta variadas realidades. Mas não é esta a África que o Brasil conhece. Diante da inegável deturpação da imagem de tudo o que se refere ao continente africano, muitas vezes considerado como inferior e primitivo, principalmente pela mídia e outros meios de comunicação, estes que detêm a condição de divulgação em massa e da construção de um senso comum, resultando em práticas que contribuem para a manutenção do racismo no Brasil, torna-se necessário apresentar aos nossos estudantes a verdadeira cultura africana, através de imagens e poemas, resultado da herança do povo africano e afro-brasileiro, retratando as belezas e riquezas materiais e culturais existentes no continente africano, sem estereótipos ou falsos conceitos de democracia racial.

Um caminho a seguir na busca de reflexões e ações, que estimulem o pensamento crítico e que possibilite aos alunos pensarem na questão de forma ética, é divulgar o lado positivo da história negra, e não apenas as questões de escravidão, miséria e sofrimento, elucidando o lado desconhecido e não falado da cultura afro-brasileira.

Pretende-se então, elevar a autoestima dos estudantes negros ou não, e sua percepção e atuação sobre si mesmo e seu lugar no mundo, através de atividades que possibilitem o conhecimento, o diálogo e o estudo das fortes raízes culturais africanas, descobrindo suas riquezas e belezas para assim valorizá-la. Trabalhar o assunto, privilegiando a questão da identidade, do respeito à diversidade e da

autoaceitação é o princípio para despertar o respeito pelas outras pessoas independentemente da etnia.

Para tanto, serão utilizadas imagens e palavras, em forma de versos, para apresentar a África e despertar o desejo de traduzir os sentimentos em relação ao pertencimento racial.

3. JUSTIFICATIVA

A escolha de elaborar este trabalho baseado na observação da imagem, e na leitura de poesias, possibilitando reflexões, originou-se na retrospectiva de um trabalho bem sucedido executado na educação de jovens e adultos (EJA) em uma escola municipal.

Revendo memórias e buscando a origem do interesse pela questão étnico-racial considero que a minha formação em artes visuais contribui na escolha da imagem como instrumento de abordagem ao tema.

O interesse nasceu a partir de um filme “Vista a minha pele” que levou-me a uma reflexão sobre as “pequenas” práticas racistas cotidianas, que são banalizadas e normalizadas na nossa sociedade. Se apenas assistir ao filme pôde desencadear uma auto-avaliação de atitudes, então espera-se que o caminho para chegar a mudança de postura, voluntariamente, é a informação e a reflexão.

Se os afetos e as emoções que orientam nosso comportamento e o preconceito racial é perceptível através do comportamento, das atitudes e das palavras, é coerente se pensar, que podemos sensibilizar e chamar a uma reflexão “tocando” nesses afetos e emoções que são inerentes a todo ser humano.

Para falarmos de afetos e emoções, seria preferível dar a palavra aos poetas, pois eles sabem falar deles de uma maneira que não cabe na racionalidade científica (Bock, 1999).

B. Sawaia afirmou que “o homem se afirma no mundo objetivo, não só no ato de pensar, mas com todos os sentidos, até com os sentidos mentais (vontade, amor e emoção)”.

A mídia e as facilidades tecnológicas modernas diminuíram os contrastes sem anular as diferenças. A comunicação entre os povos estimula a compreensão e o respeito mútuo, e enriquece a humanidade. Porém, o que observamos hoje, é que a África ainda é apresentada focalizando os aspectos negativos, apesar de autores

afirmarem também que não faltam imagens e registros históricos capazes de mostrar uma África autêntica em sua múltipla realidade. Buscar e divulgar estas imagens auxiliará no processo de tentativa de construção do positivamento da cultura africana e do pertencimento étnico.

Portanto é necessário mostrar também, que existe um racismo velado no Brasil e que a imagem do negro ainda é inferiorizada perante o branco, pois o mito da democracia racial ainda é aceito pela maioria dos brasileiros com naturalidade.

A leitura e a construção coletiva da poesia é uma oportunidade de troca, e é através das diferenças individuais que a troca de experiências vai sendo edificada, como também a partir da reflexão e da construção social do pensamento, sustentada pela interação dos indivíduos envolvidos. Essa interação entre os sujeitos é fundamental para o desenvolvimento pessoal e social, pois ela busca transformar a realidade de cada sujeito, mediante um sistema de trocas.

A poesia é uma manifestação do pensamento que pode traduzir a cultura de um povo. Apesar de não ser muito praticada em nossas escolas, ela ainda proporciona encantamento a quem se dispõe a conhecê-la e a praticá-la.

A criação coletiva da poesia é uma atividade lúdica que permite o desdobramento do tema, utilizando a criatividade e a participação ativa, podendo ser transformada em dramatização simples, peças teatrais, pintura, letra de música e inúmeras possibilidades que podem contribuir na divulgação da valorização do pertencimento étnico, se abordado esse tema.

O indivíduo, quando estimulado a criar, acredita que é capaz de se libertar de suas limitações, abrindo sua sensibilidade, mudando o seu olhar sobre si e sobre o outro e conseqüentemente passa a ser mais tolerante às diferenças. No processo de criação da poesia é necessário mais que um jogo de palavras. É preciso uma reflexão crítica sobre o tema, e essa reflexão sobre os preconceitos e desigualdades pode ser convertido em produções fortes e expressivas.

Grupos que se reúnem por um interesse cultural comum e permitem-se criar, obtêm excelentes resultados. Ao ler ou produzir versos, o indivíduo percebe aptidões inexploradas, e, entretido nessa atividade, abandona o mau-humor, a depressão, esquece as dores, supera limitações e por vezes se liberta de seus preconceitos dando abertura a novas ideias (Rodrigues, 2012)

Já a imagem, tem servido ao longo dos tempos enquanto exercício autônomo de criação e assim como a poesia, tem esse poder de sensibilizar, de levar a reflexão natural.

A poesia é um produto pessoal que além da satisfação, expressa sentimentos e pensamentos, até aqueles que estão ocultos de nós mesmos. É um veículo de comunicação de nossa visão sobre o mundo onde podemos expressar nossos ideais e ideias. Na construção da poesia, a imagem facilita o encontro das palavras.

No texto “A questão racial na escola: desafios colocados pela implementação da Lei 10.639/03” a autora propõe que “o estudo da África de ontem e de hoje, em perspectiva histórica, geográfica, cultural e política, poderá nos ajudar na superação do racismo no Brasil”. Gomes (2011)

Em conformidade com essa afirmativa e acreditando que, mostrar uma África que o Brasil não conhece, é um dos caminhos para se amenizar a questão racial no Brasil, é que se estabelece esse plano de ação que pretende usar a imagem como detonador de reflexões e sentimentos, e a poesia como produto da análise e da compreensão do tema abordado.

Este trabalho propõe também abrir um diálogo sobre a Lei 10.639/03, já que se constata o seu desconhecimento da grande maioria da comunidade escolar. Na tentativa de promover o que propõe o texto de Nilma Lino, onde afirma que, mais que uma nova atividade pedagógica sobre a África e o negro no Brasil, busca-se o debate, a discussão, a reflexão e a mudança de postura.

No texto, a autora expressa a pretensão de dar oportunidade a todos os interessados, independentes se brancos, negros ou de outras etnias, de mediar uma discussão competente e séria sobre a questão racial na escola, é também um objetivo a ser alcançado, mas partindo do conhecimento de uma África autêntica e visível, até então desconhecida, mostrada em cores e em versos, construídos à partir do diálogo, da reflexão e da sensibilização dos envolvidos nesse trabalho.

4. OBJETIVOS

4.1 Objetivo geral:

Implementar a Lei 10.639/03 com vistas a criação de condições a cerca da construção de identidades étnico-raciais, junto a comunidade escolar a partir da reflexão sobre a diversidade sociocultural da sociedade brasileira.

4.2 Objetivos específicos:

- Divulgar a Lei 10.639/03;
- Envolver a comunidade escolar em atividades de resgate da cultura africana através da observação de imagens, da leitura e construção de poesias que retratem o entendimento adquirido sobre racismo e pertencimento étnico;
- Trabalhar imagens que potencializem o continente africano, assim como sua beleza e sua cultura, e que introduzam valores da cultura Afro-brasileira;
- Organizar e promover diálogo e reflexão sobre o pertencimento étnico-racial, buscando, a partir da escola, mudanças de postura em relação às manifestações culturais de raízes africanas.

5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

5.1 Aprendizagem transformativa: è possível reaprender.

A sociedade brasileira sempre negou insistentemente a existência do racismo e do preconceito racial. Segundo Telles(2003), essa idéia de paraíso racial foi divulgada e popularizada principalmente por Gilberto Freire dos anos 30 até começo dos anos 90.

“Freyre argumentava que o Brasil era único dentre as sociedades ocidentais por sua fusão serena dos povos e culturas europeias, indígenas e africanas. Assim, ele sustentava que a sociedade brasileira estava livre do racismo que afligia o resto do mundo.” (Telles2003, p.50)

No entanto as pesquisas atestam que, no cotidiano, nas relações de gênero, no mercado de trabalho, na educação básica e na universidade os negros eram e ainda são discriminados e vivem uma situação de profunda desigualdade racial quando comparados com outros segmentos étnico-raciais do nosso país, como podemos observar na fala de José Sarney (1999), ao defender o Projeto Lei que instituiu cotas de ações afirmativas para a população negra:

“deve ser encarada com objetividade e não ficar somente no aspecto étnico, já que o problema é o atraso social, a promoção humana que ficou estagnada, dando aos negros uma posição de marginalidade dentro de nossa sociedade.” (Amâncio;Gomes; Jorge,2008 p.32)

Este trabalho investiga a possibilidade de mudança do pensamento e, conseqüentemente de atitudes, por acreditar que o indivíduo através da reflexão, possa desconstruir a negatividade adquirida em relação ao continente africano, adquirindo uma nova concepção, não manipulada ou imposta, mas sim, apresentada e discutida, respeitando o senso crítico individual. Esta possibilidade é reforçada pela teoria da Aprendizagem transformativa defendida por Rui Moura (2000). O autor, em seu artigo “Aprendizagem Transformativa: uma abordagem ao conceito” cita Mezirow (1996), afirmando que a aprendizagem é concebida:

"como o processo de utilizar as interpretações anteriores, com vista a construir uma interpretação nova, ou uma interpretação alterada acerca do

sentido da experiência pessoal em ordem a guiar a ação futura." (Mezirow, 1996, p. 162).

Moura (2000) ainda acrescenta que segundo Mezirow (1996), as perspectivas adquiridas pelo indivíduo constituem o quadro de referência de posteriores interpretações que o indivíduo faz da realidade que o envolve. As novas aprendizagens são, desta forma, 'condicionadas' pelas aprendizagens anteriores. Portanto, considera-se que, na revisão dessas interpretações assumidas anteriormente pelo indivíduo de forma não crítica, que consiste uma das dimensões mais importantes da aprendizagem na vida adulta.

A partir dessa concepção de aprendizagem transformativa, trazendo para o nosso contexto, reforçando a importância da reflexão de conceitos posteriormente adquiridos, para então poder cogitar a possibilidade de se desfazer verdades pré-estabelecidas e equivocadas sobre o continente africano e sua relevância na História, partindo da apresentação de novos fatos e das considerações do próprio sujeito. Esta observação é baseada na fala de Rui Moura (2000):

“Se a aprendizagem é caracterizada pela influência das pressuposições existentes na análise e compreensão dos novos dados, a aprendizagem transformativa corresponde à alteração das perspectivas existentes. Não se trata de adquirir novas perspectivas, pois a aquisição das mesmas é sempre influenciada pelas perspectivas já existentes, não existindo qualquer alteração na forma como o sujeito vê e interpreta a realidade. A aprendizagem torna-se, pois, transformativa quando os pressupostos são vistos como distorcidos, inadequados, ou inválidos para dar resposta à realidade, dando lugar a uma perspectiva de sentido transformada.” (Moura 2000)

Sendo assim, Rui Moura (2000) acrescenta uma citação de Mezirow (1999) em seu artigo afirmando, em primeiro lugar, a transformação de perspectivas não corresponde de forma alguma a um movimento de uma falsa crença para uma verdadeira, mas sim de uma perspectiva não examinada criticamente para uma examinada.

Pretende-se desconstruir a imagem negativa que foi imposta ao negro pelas relações de poder praticadas em nosso país, desde a nossa colonização até os dias de hoje.

Portanto, segundo a aprendizagem transformativa, é possível reaprender criticamente, e é acreditando nesta possibilidade, que se espera, através das três fases para a aprendizagem de transformação: reflexão crítica; discurso para validar a visão crítica reflexiva e a ação, alcançar os objetivos propostos no desenvolvimento deste trabalho.

5.2 Por que imagem e poesia?

A constatação da influência e importância da imagem pode ser observada logo na apresentação do texto “Das (im)possibilidades de se ver como anjo...” de Dagmar E. Estermann Meyer. O relato do ocorrido na instituição escolar, com uma criança de três anos, que diz não poder ser anjo porque as imagens de anjo que lhe foram apresentadas eram de personagens brancos, reflete claramente o peso das imagens e da linguagem visual na formação de identidades sociais. Portanto, é razoável que se use a imagem para promover reflexões e diálogos sobre as questões étnico-raciais, já que a mídia e outros veículos de comunicação vêm a décadas usando este instrumento para depreciar e desvalorizar a imagem do negro na sociedade. É necessário também mostrar as belezas e riquezas da África para que se possa visualizar a realidade sem estereótipos e preconceitos. De acordo com Munanga e Gomes (2006):

“...nas imagens que são veiculadas sobre a África, raramente são mostrados os vestígios de um palácio real, de um império, as imagens dos reis e muito menos as de uma cidade moderna africana construída pelo próprio ex- colonizador”. (Gomes, 2006)

Segundo Gomes (2005) em seu livro “Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão”, a forma institucional do racismo pode ser observada no isolamento dos negros em determinados bairros, escolas e empregos:

“...Estas práticas racistas manifestam-se, também nos livros didáticos tanto na presença de personagens negros com imagens deturpadas e estereotipada quanto na ausência da história positiva do povo negro no Brasil. Manifestam-se também na mídia (propagandas, publicidade, novelas) a qual insiste em retratar negros, e outros grupos étnico-raciais que vivem uma história de exclusão, de maneira indevida e equivocada.” (Gomes, 2005, p.53).

Essa afirmação confirma a influência da imagem negativa que vem construindo através dos anos a negação do pertencimento étnico. Supõe-se então que o uso dessa mesma ferramenta, no caso, a imagem, poderá reconstruir um conceito positivo em relação a África e portanto, a afro-descendência brasileira.

Quanto ao uso da poesia é necessário dizer que este gênero literário, desde os séculos passados, foi e ainda é, um instrumento de expressão do pensamento, justificado aqui pelo próprio poema:

“Ao escreveres um poema,
Articula bem as palavras,
Todas as palavras necessárias,
Para que elas permaneçam intactas
Não na brancura do papel,
Mas grafadas, indelevelmente,
Na memória dos homens.”
Jorge Viegas (1981:27) (Pereira, 2010,p 86)

5.3 Representação da imagem do negro na arte

Encontramos várias representações do negro africano e brasileiro em quase todas as fases da história brasileira a partir da colonização portuguesa.

Neste trabalho destaco os artistas: o francês Jean-Baptiste Debret e o brasileiro Cândido Portinari por representarem duas visões opostas, decorrentes das concepções da sociedade de seu tempo, para ilustrar a transferência que fazemos nas imagens que produzimos.

5.4 O negro na representação de Debret

5.4.1 Quem foi Jean-Baptiste Debret

Artista plástico (pintor e desenhista) francês, nascido em 18 de abril de 1768, em Paris, e faleceu na mesma cidade em 28 de junho de 1848. Em 1816, integrou a Missão Artística Francesa, organizada por D. João VI de Portugal que tinha como objetivo fundar no Brasil a Academia de Belas Artes. Viveu 15 anos no Brasil (até 1831), onde organizou sua grande obra: o livro ilustrado Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil, mostrando minuciosamente cuidados e a formação, preservando

o passado do povo, não se limitando apenas a questões políticas, mas também a religião, cultura e costumes dos homens no Brasil.

O que tornou seu trabalho importante historicamente não foi apenas o aspecto artístico, mas também por conter textos descritivos acompanhando as imagens, o que não era comum entre os artistas da época.

5.4.2 O negro em sua obra

É no segundo volume de Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil, de 1835 que observamos a maior representação dos escravos negros brasileiros, como podemos verificar nas imagens a seguir:



Figura 1 - Jean-Baptiste Debret: castigo de escravo.

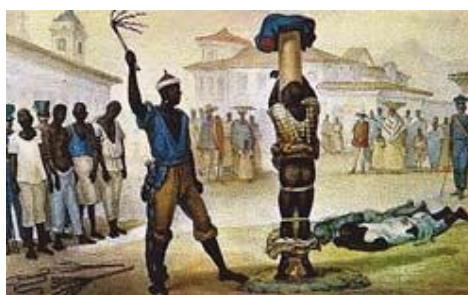


Figura 2 - Aplicação do castigo do açoite



Figura 3 - Jantar (família rica)

"...traduzia, igualmente, nas primeiras décadas do século XIX, a opção por privilegiar, no "retrato" dos povos, aspectos que não estivessem limitados às questões políticas, mas que dessem testemunho da religião, da cultura e dos costumes dos homens." Lima, 2004, Pág.36

Devemos considerar o momento histórico em que Debret se encontrava: no período colonial brasileiro, onde a escravidão e os maus tratos aos negros faziam parte da "normalidade" do cotidiano. A relevância da obra de Debret neste trabalho é

comparar a visão deste artista com a visão de outro artista, porém brasileiro, que viveu em outra época, pós-escravidão, mas que com seu pensamento humanista, representava também cenas de sua observação, mas sua representação retratava um negro ainda serviçal, porém carregado de dignidade e beleza. Estamos falando do grande pintor Cândido Portinari que conheceremos a seguir.

5.5 O negro na representação de Cândido Portinari

5.5.1 Quem foi Cândido Portinari

Filho de imigrantes italianos, Cândido Portinari nasceu no dia 29 de dezembro de 1903, numa fazenda próxima a Brodowski, interior de São Paulo. Portinari não completou sequer o ensino primário, mas desde muito pequeno apresentava dons para o desenho. Aos 14 anos de idade, ajudou na restauração de igrejas na região de Brodowski, dando início a experiência do artista como pintor.

Aos 15 anos, já decidido a aprimorar seus dons, Portinari deixa São Paulo e parte para o Rio de Janeiro para estudar na Escola Nacional de Belas Artes.

Aos 20 anos já participa de diversas exposições, ganhando elogios em artigos de vários jornais. Mesmo com toda essa badalação, começa a despertar no artista o interesse por um movimento artístico até então considerado marginal: o modernismo.

A distância de Portinari de suas raízes acabou aproximando o artista do Brasil, e despertou nele um interesse social muito mais profundo.

Em 1954 Portinari apresentou uma grave intoxicação pelo chumbo presente nas tintas que usava. Desobedecendo a ordens médicas, Portinari continua pintando e viajando com frequência para exposições nos EUA, Europa e Israel. No dia 6 de fevereiro de 1962, Cândido Portinari morre envenenado pelas tintas que o consagraram.

5.5.2 O negro em sua obra

O contexto histórico em que Portinari viveu foi completamente diferente do vivido por Debret. Os movimentos negros se fortaleciam e ganhavam a simpatia e o apoio dos artistas brasileiros da época, como podemos constatar no trabalho “Os movimentos negros no Brasil - Construindo atores sociopolíticos” de Luiz Alberto de Oliveira Gonçalves:

“...Fins dos anos 20, o protesto racial emerge em São Paulo, propagando-se em outros estados da Federação; criam-se organizações, com base na identidade racial cujo objetivo é projetar os negros, enquanto atores, no cenário urbano. No final dos anos 40, o protesto reaparece no Rio de Janeiro, sob a forma de um ambicioso projeto cultural — Teatro Experimental do Negro — no âmbito do qual articulam-se psicodrama, valorização da tradição afro-brasileira e propostas políticas com vistas a interferir na reforma constitucional.” (Revista Brasileira de Educação, Set/Out/Nov/Dez 1998 N° 9, página 33)

A fala de Portinari leva-nos a crer que considerava o Brasil como um país multicultural e que este fato está relacionado à mistura de raças do povo, justificando a presença do mestiço em suas obras, retratando-a como a imagem do brasileiro:

“A nossa natureza, o nosso povo estão cheios de surpresa. O nosso povo esta se formando de todas as raças, tem todos os climas, aspectos bem nacionais, na angustia do seu crescimento, uma fisionomia moral e intelectual bem marcada; a arte deve traduzir essa inquietude, esse caráter de raça, o momento brasileiro da Humanidade. [...] O assunto brasileiro, por si mesmo, não vale; é preciso o espírito (...).” Entrevista concedida a Plínio Salgado sob o título “Um Pintor Brasileiro em Paris” foi publicada em O País (5 de outubro de 1930) e no Correio Paulistano (8 de outubro de 1930).

Essa visão de Portinari do negro como trabalhador e sujeito participante da formação da cultura brasileira pode ser percebida nas suas obras:



Figura 4 - 819 x 1030 - CAFÉ - Portinari, 1934



Figura 5 - 218 x 840 - "CAFÉ" - Portinari, 1935



Figura 6 - 225 X 300 - CHORINHO - Portinari 1942



Figura 7 - 198 X 168 - SAMBA - Portinari 1954

5.6 Debret x Portinari

Segundo Souza (2010), em seu artigo "A exposição de arte afro-brasileira em Araujo"

"Debret juntamente com outros artistas de sua época, retrataram, analiticamente, a sociedade brasileira, priorizando o conjunto, e não o indivíduo. Muito diferente da postura de Portinari, que trata a servidão do negro como instrumento de construção da nação, já a análise de Debret será de crítica deliberada dos problemas brasileiros. Mesmo Debret não sendo escravista, sua visão sobre o negro brasileiro é tão carregada de preconceito quanto a de seus pares brasileiros (o que era próprio de seu tempo). (Souza,2010)"



Figura 8 - 312 x 400 – MIJÃO – Debret 1817 a 1829

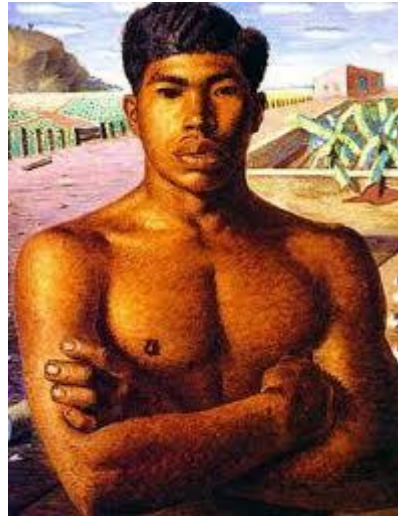


Figura 9 - 540 x 700 - O METISÇO - Portinari, 1934

A figura do negro ganha força a partir do modernismo nas obras de Portinari, entre outros. Para ele a figura do negro representa o trabalho.

Esse estereótipo do negro, que já está em Debret, no entanto, adquire um valor mais positivo do que negativo no início do século XX. O trabalho escravo passa a ser construção da nação. O que antes era castigo e alienação se torna virtude e dinâmica social. O trabalho em Portinari é em sentido pleno. É a construção do próprio ser, não alienação, mas consciência de si e do mundo. É um trabalho virtuoso, onde não há castigo.

O universo pictórico de Portinari é a representação do discurso inicial de Mario de Andrade. Nesse crítico, a necessidade de construir as novas bases simbólicas da nação brasileira era fundamental. Dar voz e rosto ao povo, mestiço, negro, índio e pobre era contrapor o antigo sistema patriarcal, europeu e autoritário.” (Souza,2010)

6. METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido com uma turma da EJA (Educação de Jovens e adultos) porque considera que, pelo fato da Lei 10639/03 ser muito recente, nossos adultos não tiveram a oportunidade de conhecê-la, debatê-la e refletir essa realidade racista e preconceituosa onde estamos inseridos. Atualmente o trabalho em nossas escolas ainda é tão superficial que exige a intervenção de projetos voltados para essa temática. Outro motivo é o fato que a maioria dos estudantes dessa turma de EJA, são familiares dos estudantes do ensino fundamental desta instituição. Espera-se que possam ser multiplicadores das reflexões adquiridas nas nossas reflexões, em seu ambiente familiar, contribuindo assim para melhor aceitação de futuros trabalhos que possam ser desenvolvidos com as crianças do ensino fundamental dessa escola. Portanto, justifica-se a escolha dos estudantes da EJA como público alvo.

A metodologia usada é baseada na aprendizagem transformativa em suas três etapas: reflexão, revisão de perspectivas e ação. A apresentação da Lei, a sensibilização através da exposição de imagens que valorizam o continente africano e sua cultura, comparadas às imagens depreciativas que nos apresentaram na mídia e nos livros didáticos, a leitura declamada de poemas que descrevem o sentimento e o sofrimento de quem é alvo de discriminação e o esclarecimento sobre as contribuições para o racismo no Brasil. Em todos os encontros foi aberto um espaço para debates e depoimentos e finalmente a nossa confraternização com um “chá com poesia” onde os estudantes declamaram poesias afro-brasileiras do livro “Costura de nuvens” de Adão Ventura.

7. O DESENVOLVIMENTO DA AÇÃO PEDAGÓGICA

7.1 Apresentação da escola:

7.1.1 Infra-estrutura do bairro:

A Escola Municipal Professor Mário Werneck (EMPMW) está localizada na rua Iguará nº 10 no Bairro Santa Maria, na região Noroeste de Belo Horizonte.

Esta escola está inserida em um local que conta com um diversificado comércio: supermercado, açougue, sacolão, padaria, lojas diversas, locadoras de vídeo, salão de beleza, sorveteria e pastelaria.

O bairro possui saneamento básico e um posto de saúde, porém não há posto policial, casa lotérica e agencia dos correios.

Apesar de apresentar boas casas e muitos carros de passeio, o principal meio de transporte da população é o ônibus coletivo. O bairro possui duas linhas de ônibus centrais, que se deslocam até o centro de Belo Horizonte, e uma linha específica que transporta os moradores até o metrô, possibilitando o acesso a várias outras regiões. A proximidade com a via expressa também facilita o deslocamento dos moradores, devido ao grande número de linhas de ônibus que transitam pela via.

A população conta com uma Associação Comunitária atuante, que faz reivindicações de melhorias juntamente com os moradores do bairro em reuniões periódicas que se realizam nas dependências da escola.

7.1.2 Famílias atendidas pela escola

O público atendido pela instituição reside, em sua maioria, nos arredores da escola. São crianças, jovens e adultos que pertencem a famílias de classe média baixa, apresentando também casos de ex-moradores de rua, situações de vulnerabilidade social e casos de necessidades educacionais especiais.

Alguns alunos moram em um condomínio que foi construído pela prefeitura para o assentamento de famílias no bairro Califórnia.

Trata-se de uma população que apresentava inicialmente muita dificuldade de inserção no mercado de trabalho, mas que vem melhorando esse quadro significativamente nos últimos anos.

As crianças trazem de suas famílias, traços de princípios, hábitos e valores em formação. De acordo com dados fornecidos no formulário de inscrição, a maioria professa uma fé e são adeptos da religião católica ou evangélica.

O público participante do plano de ação é composto por estudantes da EJA- Educação de Jovens e Adultos – do 3º turno, com idades entre 16 a 54 anos, que estudam na sala 16, e tem como regente a professora Cláudia Maria.

Estes dados foram fornecidos pela secretaria da escola.

7.2 Desenvolvimento do plano de ação: “Uma chamada para reflexão e reconstrução do pensamento”

Este trabalho foi desenvolvido em quatro encontros:

7.2.1 Primeiro encontro:

- 1- Apresentação do tema em PowerPoint : imagens das belezas africanas comparadas a imagens estereotipadas dos africanos e afro descendentes.
- 2- Apresentação da Lei;
- 3- Testemunhos sobre discriminação e racismo;
- 4- Distribuição e leitura do poema: “Chega de racismo” (em anexo);
- 5- Considerações sobre o poema, despedida e convite para o próximo encontro.

7.2.2 Segundo encontro:

- 1- Retomada do primeiro encontro;
- 2- Vídeo: Vista a minha pele;
- 3- Debate sobre o vídeo;
- 4- Parada para o lanche;
- 5- Apresentação de poemas do livro: “Costura de nuvens” de Adão Ventura;
- 6- Cada estudante escolheu um poema do livro para recitar no próximo encontro;
- 7- Anotação no quadro, palavras e expressões que traduzem o sentimento em relação ao negro e ao racismo e que expressem todas as abordagens que fizemos;
- 8- A partir das anotações, construímos coletivamente o poema;
- 9- Foi proposto que façam também produções individuais;
- 10- Combinamos para o próximo encontro, o que chamamos de: “Saboreie a literatura – poesia afro-brasileira”, onde os estudantes foram encarregados da comida e as professoras Marta e Cláudia, de trazerem os chás.

7.2.3 Terceiro encontro:

“Saboreie a literatura – poesia afro-brasileira”

- 1- Organização da mesa de lanche no refeitório da escola;
- 2- Exposição do conto (do Quênia/África): “As panquecas da Mama Panya” em panos africanos ;
- 3- Recebemos os estudantes da sala 16, no refeitório, às 20:30 horas, logo após o recreio. Cada um recitou o poema que pegou no último encontro, ao som do violão tocado por um estudante;
- 4- Após as leituras, apresentei os panos e o conto;
- 5- Logo após as considerações finais da professora Cláudia, muitos se manifestaram, falando sobre as reflexões que fizeram;
- 6- Minhas considerações finais, agradecimentos e convite para degustarmos o nosso lanche. Despedidas.

7.2.4 Quarto encontro: (com o coletivo do noturno da escola)

Relato do trabalho desenvolvido para os profissionais da escola e convite aos interessados a dar continuidade aos debates e reflexões ao tema, em suas aulas, esclarecendo que este trabalho deve ser constante e deve estar presente nas falas dos que acreditam na igualdade de direitos e deveres dos cidadãos.

8. CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

Inicialmente gostaria de esclarecer que o meu trabalho precisou ser totalmente reelaborado devido a minha mudança de escola e de rede, no início do ano de 2012. Todo o trabalho que eu vinha desenvolvendo na Educação Infantil foi interrompido. Como eu não mais iria trabalhar com esse segmento optei por iniciar outro projeto que contemplasse os estudantes da EJA (Educação de Jovens e Adultos), por acreditar que assim também, atingiria a criança dentro das famílias. O cronograma foi cumprido nas seguintes datas:

- 09 de maio às 19:00 horas – Reunião com a professora Cláudia Maria de Oliveira, professora de língua portuguesa da EJA da Escola Municipal Professor Mário Werneck, e o professor Milton coordenador da EJA no noturno, para apresentação da proposta e definição das datas dos próximos encontros;
- 16 de maio às 20:20 horas – Primeiro encontro (já relatado) com os estudantes da turma da sala dezesseis;
- 30 de maio às 19:00 horas – Segundo encontro (já relatado) com os estudantes da turma da sala dezesseis;
- 20 de junho às 20:20 horas – Terceiro encontro (já relatado) com os estudantes da turma da sala dezesseis;
- 27 de junho às 20:00 horas - Quarto encontro com os professores do noturno (já relatado).

9. SUBSÍDIOS

9.1 Data show

Para execução desse trabalho foi necessário a utilização do data show, que considero um dos maiores facilitadores dessa etapa, pois meu foco era apresentar imagens positivas da África, portanto esse instrumento possibilitou a observação das imagens em tamanho e definição com uma qualidade que permitiu atingir o objetivo: todos se encantaram pela beleza das cores e formas africanas através do PowerPoint apresentado.

9.2 Tv e vídeo

Este apesar de ser um ótimo recurso, nos causou um grande transtorno e perda de tempo. A professora Cláudia me garantiu que estava tudo pronto para a apresentação do filme, mas na hora da exibição o som não apareceu. Depois de muitas tentativas de trocas de cabo e até de aparelho, decidimos ver o filme em um notebook. Não foi a melhor alternativa, mas foi a única viável no momento.

9.3 Notebook

Apesar de a imagem ser pequena, o som estava ótimo. Para minha surpresa, os estudantes ficaram concentrados e assistiram a todo o vídeo. Após o vídeo debatemos sobre todas as observações apontadas. Foi muito bom!

9.4 Quadro e pincel

Utilizei esse recurso para registrar as frases elaboradas pelos estudantes durante a construção do poema coletivo.

9.5 Folha xerocada

No nosso primeiro encontro ofereci uma reprodução do poema “Chega de racismo” de Alex Santos para irem se familiarizando com o tema abordado.

9.6 Panôs africanos

Utilizei os panôs africanos produzidos pelos estudantes do ensino fundamental da rede municipal de Contagem, onde leciono Arte, para divulgar o conto africano “As paquecas de Mama Panya”, que apesar de não ser escrito em versos, é cheio de poesia em seu contexto e ilustração. Este recurso causou um encantamento pelas cores, pelos desenhos e o conto retratava exatamente o momento em que nos encontrávamos, pois fala de solidariedade e compartilhamento. No conto as personagens também se reúnem para compartilharem uma alimentação onde cada um contribuiu com um pouco do que tinha, assim como o nosso chá, onde nos identificamos com a obra literária.

10. AVALIAÇÃO

Faço uma avaliação positiva desse trabalho mediante a troca de experiências que foi proporcionada nas atividades desenvolvidas. A imagem positiva da África foi apresentada, os debates foram proveitosos e levaram a reflexões. Considero que a forma de culminância foi assertiva, já que, o nosso “chá com poesia” envolveu a participação e o interesse de todos.

A professora Cláudia Maria mostrou-se muito satisfeita com os encontros e observou que todos participaram da leitura dos poemas, até mesmo aqueles considerados mais tímidos. Disse também, que durante os dias subsequentes ao nosso primeiro encontro, os estudantes sempre abordavam o tema racismo e faziam considerações, reafirmando o interesse pelo assunto.

A única consideração negativa que faço, é relativa ao tempo dedicado com os estudantes. Certamente que três encontros são insuficientes para se desenvolver um trabalho efetivo, mas considerando as dificuldades, a falta de tempo, os debates e depoimentos resultantes dessa ação, avalio que o projeto alcançou seus objetivos.

11. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do problema apresentado neste trabalho, ou seja, a divulgação da imagem negativa da África e a omissão de suas belezas e riquezas, fator que contribui com a desvalorização da cultura africana e com o racismo no Brasil, considero a iniciativa de mostrar o lado desconhecido, rico e belo desse continente, como uma estratégia que atingiu seus objetivos. A comparação com os estereótipos de miséria, fome e guerra, causaram surpresa e questionamentos sobre os interesses da dominação eurocêntrica a que fomos submetidos. Ficou clara a manipulação da África que queriam que conhecêssemos. Constatou-se que este continente cheio de problemas, pobreza e devastação “também” existe, mas, assim como no Brasil, convivem com diversas realidades. Observo que muitos foram surpreendidos até mesmo quanto a locais, monumentos e figuras humanas, realmente já tinham cristalizada uma imagem da África sem relevância estética e de História insignificante. Pelos debates, acredito que futuramente o senso crítico poderá ser detonado sempre que depararem com as questões étnico-raciais. Diante desse fato passo a acreditar ainda mais na possibilidade da aprendizagem transformativa.

Quanto à cultura africana e afro-brasileira, o primeiro obstáculo é a negação do racismo. Após o reconhecimento da sua existência, vem a repulsa às religiões de matrizes africanas. Mesmo considerando o baixo número de envolvidos, observo, através dos debates, que muita resistência encontrada na aceitação da cultura africana é de origem religiosa. Entretanto, os poemas, as imagens e principalmente os debates, contribuíram para potencializar o continente africano e seus valores culturais. Compreendemos que não precisamos de nos desfazer de nossas crenças para poder respeitar outras. Esse, sem dúvida, foi o tema mais polêmico que discutimos.

Nas leituras e reflexões dos poemas de Adão Ventura e outros, percebo a nítida identificação dos estudantes com o conteúdo dos textos. Pareciam estar falando deles próprios, eles se viam nos poemas.

Segundo os próprios estudantes, o negro hoje, vagorosamente começa a aparecer no cenário nacional num lugar diferente das senzalas e cozinhas brasileiras, como podemos observar nos comerciais e telenovelas, fato discutido após a exibição do filme “Vista a minha pele”.

É inocente acreditar, que a partir de agora as pessoas que participaram desse trabalho deixaram de ser racistas e preconceituosas, pois sabemos que este é um processo lento que vem se arrastando a décadas e que tem um longo percurso a seguir. Mas acredito que, assim como aconteceu comigo, quando, através de belas imagens do continente africano, me interessei em conhecer as belezas e riquezas da África. Consequentemente, o conhecimento dos movimentos e as lutas do povo africano e as impossibilidades impostas aos afrodescendentes no decorrer da nossa história, desenvolveu um novo olhar e uma nova postura em relação ao meu pertencimento étnico. A partir da aceitação das minhas origens africanas, toda nova informação sobre esta temática passou a ser objeto de interesse e reflexão.

Considero ainda que, levar um adulto a reflexão e mudança de suas concepções racistas, é contribuir para que as crianças que convivem com esses adultos, possam ter a oportunidade de se orgulharem de seu pertencimento étnico e de construírem uma história diferente da que vem sendo escrita, “em preto e branco”, no nosso país.

12. REFERÊNCIAS

AMÂNCIO, Iris Maria da Costa; GOMES, Nilma Lino; JORGE, Miriam Lúcia dos Santos. - Literaturas africanas e afro-brasileiras na prática pedagógica. (coleção cultura negra e identidades) – Autêntica 2008.

GOMES, Nilma Lino – Alguns Termos e Conceitos Presentes no Debate Sobre Relações Raciais no Brasil: Uma Breve Discussão, In: Educação anti-racista: caminhos abertos para a Lei Federal nº 10639/03, Brasília: MEC/BID/UNESCO, 2005.

MUNANGA, Kabengele & GOMES Nilma Lino. O negro no Brasil de hoje. Coleção para entender, São Paulo: Global, 2006.

PEREIRA, Edimilson de Almeida – Um tigre na floresta de signos. Estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil – Maza Edições, 2010.

SOUZA, Marcelo de Salete - A exposição de arte afro-brasileira em Araujo - art6.2010

TELLES, Edward, Da Supremacia Branca à Democracia Racial. In. Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica. Rio de Janeiro: Relume=Dumará: Fundação Ford, 2003

VENTURA, Adão – Costura de nuvens – Antologia Poética -
LIMA, Valéria - Uma Viagem com Debret, {coleção: Descobrimo o Brasil} Ed. Jorge Zahar, RJ - 2004.

Revista Brasileira de Educação, Set/Out/Nov/Dez 1998 Nº 9.
“Um Pintor Brasileiro em Paris”- O País (5 de outubro de 1930) e Correio Paulistano (8 de outubro de 1930).

http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE09/RBDE09_05_LUIZ_ALBERTO_DE_OLIVEIRA_GONCALVES.pdf acessado em 14/04/2012 00:23 horas

<http://www.portinari.org.br/ppsite/ppacervo/index.htm> - acessado em 29/04/2012 22:40 horas

http://www.suapesquisa.com/biografias/jean_debret.htm acessado em 29/04/2012 23:00 horas

<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=688> acessado em 29/04/2012 23:30 horas

http://www.usp.br/estetica/2011/index.php?option=com_content&view=article&id=40:2010-1-art6&catid=37:revista03&Itemid=37 acessado em 14/04/2012 23:00 horas

<http://www.pgh.ufrpe.br/brasilportugal/anais/12rc/Rachel%20Maria%20Barbosa%20Santos.pdf> acessado em 30/04/2012 18:00 horas

<http://www.portinari.org.br/ppsite/ppacervo> acessado em 30/04/2012 - 19:35 horas

<http://rmoura.tripod.com/transformativo.htm> acessado em 12/04/2012 - 23:12 horas

ANEXO A - Fotos Plano de Ação





ÁFRICA

O QUE VOCÊ PENSA QUANDO OUVES
ESTA PALAVRA?

ÁFRICA

- A ÁFRICA É UM CONTINENTE, NÃO UM PAÍS.



RACISMO

O QUE É O RACISMO?

ELE EXISTE?

O BRASIL É UM PAÍS RACISTA?

MULHER AFRICANA



HOMENS, MULHERES E O COLORIDO AFRICANO



CRIANÇAS AFRICANAS



LOCALIDADES AFRICANAS



Ponta Bicuda situa-se na ilha de Santiago, em Cabo Verde

ASSIM COMO O BRASIL, O CONTINENTE
AFRICANO É BEM DIVERSIFICADO:



Cataratas Vitória



Deserto do Saara

ÁFRICA - LINHA DO TEMPO

Cerca de 20000 a.C.

O objeto matemático mais antigo é o bastão de Ishango, osso com registros de dois sistemas de numeração. Ele foi encontrado no Congo em 1950 e é 18 mil anos mais antigo do que a matemática grega .

3000 a.C.

O médico negro Imhotep é o verdadeiro pai da medicina: ele viveu 25 séculos antes de Hipócrates e já aplicava no Egito conhecimentos de fisiologia, anatomia e drogas curativas em seus pacientes .

2000 a.C.

O povo haya (da região da atual Tanzânia) produzia aço a 400 graus Celsius — temperatura superior a dos fornos europeus do século 19. Uma faca datada de 900 a.C., feita no Egito, é o objeto de ferro mais antigo .

1650 a.C.

O papiro de Rhind indica que os egípcios sabiam o valor da constante geométrica pi muito antes de Arquimedes (250 a.C.) e as propriedades do triângulo retângulo antes de Pitágoras (séc. 6 a.C.).

Século 12

Muros de pedra de 10 metros de altura foram erguidos na região do Zimbábue. As ruínas revelam saberes avançados também dos povos subsaarianos em construção civil.

1879

O médico inglês R. W. Felkin aprendeu com os banyoro técnicas da cesariana. O procedimento já envolvia assepsia, anestesia e cauterização do corte, que era vertical.



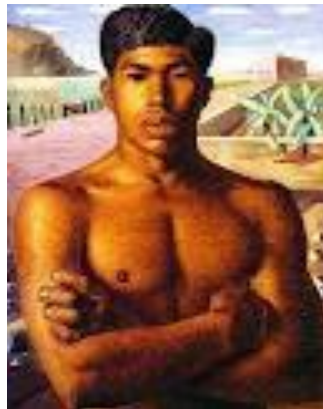
As **pirâmides** estão localizadas no Continente **africano**, no país do Egito, na cidade do Cairo.

PORTANTO, OS
AFRICANOS NÃO
PODEM SER
CONSIDERADOS “UM
POVO ATRASADO”.

O negro representado na arte de:

Debret

Portinari



Debret



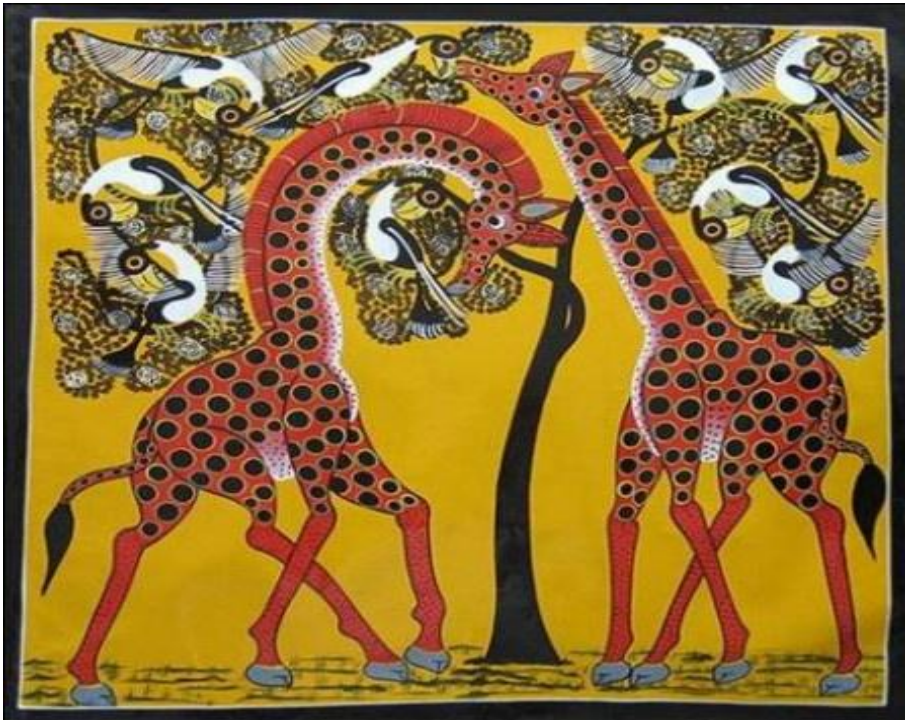
Portinari





RACISMO

Os macacos são contra.









Arte Afro-Brasileira: Panôs Africanos

Os panôs africanos são tecidos que resgatam a arte de contar histórias através de imagens.

No livro "Bruna e a galinha d'Angola", a avó africana de Bruna ensina a ela e as amiguinhas a pintarem panôs.





"Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar."

[Nelson Mandela.](#)



REFLEXÃO SOBRE O FILME:
"VISTA A MINHA PELE"

